

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JT Class.: América 500 anos

Data: 12/30/92 Pg.: 4 27

Cristóvão Colombo e os 500 anos

J.O. de Meira Penna

O quinto centenário do descobrimento da América não está sendo comemorado, entre nós, na mesma proporção do que ocorre na Espanha, nos EUA e em outros países da América Latina. Ainda forte é nossa herança portuguesa. Daqui a oito anos celebraremos, presumivelmente com maior entusiasmo, o "descobrimento do Brasil", muito embora saibamos que nosso território já fora antes tocado por navegadores espanhóis. Já é tempo, aliás, de pensar no que faremos, no ano 2000, para festejar a efeméride.

Os 500 anos serviram à Espanha para glorificar seu antigo império e o papel que desempenhou na abertura e alargamento da Europa ao mundo. Foi Cristóvão Colombo, afinal de contas, o principal agente, no século XV, da extensão definitiva do ecumenismo. Pela primeira vez na História o mundo único se materializou, o Planeta foi circunavegado, a esfericidade da Terra comprovada e todos os continentes entraram em contato uns com os outros. Esses fatos são de maior importância do que a circunstância específica — da qual o próprio Colombo não teve consciência — de que dois outros continentes, um "novo mundo", eram acrescentados ao velho até então conhecido.

Nos EUA, entretanto, na Europa e em países que surgiram em consequência da viagem de 1492, um curioso movimento de contracultura se tem desenvolvido, objetivando debicar, desvalorizar ou condenar a figura do grande descobridor, "o almirante do mar-oceano".

De herói, o navegador genovês se tornou, repentinamente, vilão. Sobre esse tema tem aparecido uma série de livros e artigos que desencadearam uma controvérsia, caracterizada sobretudo pela irracionalidade, o fanatismo e o ridículo.

O livro de Robert Royal, *1492 and All that*, que acaba de ser publicado pelo Ethics and Public Policy Center, de Washington, possui o enorme mérito de colocar em pratos limpos a questão, desfazendo a mitologia espúria que surgiu em torno do episódio. Royal chama a atenção para os exageros, as mentiras e as distorções que estão contaminando o debate, em virtude do fenômeno ideológico peculiar da censura ao que não é *politically correct*... O poder da intelectualidade da Esquerda é de tal ordem — justo no momento do fracasso do socialismo e do descalabro da URSS — que os organizadores, sob todos os pontos de vista admirável, da exposição reunida na National Gallery, de Washington, sob o título *Circa 1492*, tiveram o desplante de censurar o próprio nome de Cristóvão Colombo, o qual não aparece uma só vez no enorme catálogo publicado na ocasião.

Para os mais exaltados, Colombo tornou-se pior do que Hitler. Seu nome foi associado ao do "genocídio" dos índios. A metamorfose é a última versão do mito do Bom Selvagem que, de Montaigne e Rousseau aos nossos dias, vem acompanhando o lado romântico e antagonístico da mente ocidental. Ora, a idéia do genocídio é tanto mais absurda quanto o número de descendentes de ameríndios que habitam hoje a América é imensamente superior ao que existia em 1492.

Mesmo aqui no Brasil, um antropólogo e indigenista tão conhecido como o sr. Villas-Boas alega que um milhão de índios foram trucidados a cada século, de maneira que os 6 milhões que o IBGE recenseou em 1500 estariam hoje reduzidos a alguns milhares. No Brasil, como no México, nos EUA ou no Peru, o disparate abstrai o fato de que são centenas de milhões os indivíduos com sangue índio que habitam hoje o Continente. Ninguém nega, evidentemente, que as populações indígenas da América sofreram graves perdas como resultado das moléstias trazidas pelos brancos, dos massacres perpetrados e dos resultados da escravidão. Mas Robert Royal chama a atenção para a circunstância de que os espanhóis, caso único na História, foram também os primeiros que ousaram criticar como pecaminosa a sua própria empresa de conquista. Las Casas e Francisco de Vitoria são lembrados pelo autor para argumentar contra o negativismo fanático de ecologistas, esquerdistas e indianistas que reviveram, de modo grotesco, a *leyenda negra*, gerada no século XVI pelos inimigos (geralmente protestantes) da Espanha.

Os que reinventaram e levaram às raias do absurdo o mito "antiimperialista" que joga Colombo no inferno — como, por exemplo, o pintor comunista Diego Rivera nos famosos murais do Palácio do Governo da Cidade do México, ao retratar Cortez como um facinora sifilítico, e que associam a introdução da civilização cristã europeia à morte, à destruição das culturas nativas e ao desastre ecológico — passam discretamente sob silêncio a realidade dessas supostas "culturas": o canibalismo, a guerra tribal permanente, os costumes e religiões bárbaros e sanguinários como os dos Aztecas, o atraso miserável, como o de nossas tribos selváticas.

Mas a irracionalidade, intolerância, cegueira e mendacidade desses intelectuais, movidos pelo fanatismo, se medem pela simples constatação, com que concluímos este artigo.

O caminho da História é o do ecumenismo. Caminho irreversível. É mesmo uma das poucas certezas que possuímos em relação ao que Gibbon chamava o "longo relato de crimes e loucuras" que é a História. A sobrevivência de culturas fechadas na época moderna é impossível. É utopia fantástica pensar o contrário. Os povos primitivos estão condenados a desaparecer, a não ser que se adaptem e contribuam para a civilização, que é hoje universal.

É uma pena que a figura, certamente controversa, de Cristóvão Colombo — com todas as virtudes e defeitos de um ser humano como outro qualquer — se tenha transformado numa falsa imagem de pirata sádico e tresloucado. Foi Colombo que à Humanidade desvendou a visão da sua universalidade, abertura e pluralismo no planeta Terra. Basta isso para a sua glória e para a glória da data de 1492: a do início do mundo moderno...